

## AS CELEBRAÇÕES NAS CEBs

Questões levantadas a partir do VI Encontro Intereclesial

*Afonso Murad F.M.S.*

### O PROGRAMA

Um dos elementos significativos que compõem o aspecto eclesial das Comunidades de Base é a celebração. Por isso mesmo o VI Encontro foi marcado por seu caráter celebrativo e para tanto foram reservados dois momentos no dia, pela manhã e à noite, com o tempo mínimo de uma hora cada uma. As celebrações foram preparadas por equipes de Regionais escolhidos na Ampliada Nacional de abril de 1986. Assim ficou cotizada a animação das celebrações com o respectivo tema:

- 1º dia – Noite – Celebração de Abertura e Acolhida – Centro-Oeste e Equipe de Animação.
- 2º dia – Manhã – Festa e Comunhão – Sul IV e Extremo-Oeste.  
Noite – Penitência – Sul II e Nordeste III.
- 3º dia – Manhã – Solidariedade – Sul I e Sul III.  
Noite – Ação de Graças – Leste II.
- 4º dia – Manhã – Martírio – Norte I e II, Nordeste IV.  
Vigília – Esperança – Nordeste I e II, Leste I.
- 5º dia – Manhã – Compromisso – Evangélicos.  
Tarde – Celebração da romaria da terra – Equipe de Coordenação.

No sentido de fornecer subsídios para as celebrações, compreendendo “elementos característicos indispensáveis a uma boa oração”, Marcelo Barros de Souza encaminhou previamente aos regionais um texto mimeografado de 6 páginas, datado de 10 de junho de 1986. Como o texto não é conhecido do grande público, vamos elencar sinteticamente alguns pontos por ele destacados.

A celebração deve estar ligada à vida e ser expressão da realidade. Mas nem sempre isso é realizado de maneira adequada, quando por exemplo se faz da liturgia mera reflexão ou discussão de um assunto, mesmo que seja muito importante. O que se pretende numa reunião litúrgica fundamentalmente é “louvar a Deus juntos como irmãos; encontrarmos com Ele, escutar o que Ele nos diz sobre nossa vida e situação, nos dispor a obedecer à sua palavra e comungar sua presença para retomar melhor nossa missão de cumprir o projeto que Ele tem para o mundo” (p.2).

---

A oração deve partir da vida e da realidade do povo de cada região. "A oração deve nos colocar em relação com Deus para não ficarmos só naquilo que já vivemos e sabemos. Não adianta uma oração em que não saímos de nós mesmos. Seria puro narcisismo. Seria sair da oração como se entrou, não se abrir para encontrar a Deus. Por isso colocada a base, o chão no qual estamos e vivemos, nós partimos para louvar a Deus, para ouvir sua palavra e para suplicar pelo seu Reino" (p. 4).

Para a celebração ser assim é necessário:

— *Comunicação*, que supõe: ato de acolhida com saudação e diálogo, participação ativa da assembléia, respeito à diversidade de funções, recursos próprios conforme o tipo e número de participantes.

— *Proclamação da Palavra de Deus*, comportando uma preparação por canto, louvor ou oração e posteriormente a resposta. A celebração é simultaneamente *memorial* (retomada e atualização do evento bíblico e eclesial) e *profecia* (denúncia do pecado do mundo e anúncio da nova realidade de partilha e liberdade).

Algumas sugestões apresentadas para as liturgias do VI Encontro:

— Escolher alguém para saudar a assembléia e introduzi-la à oração.  
— Favorecer a abertura para Deus através de salmos, leituras e elementos da religiosidade do povo.

— Utilizar cantos apropriados. Não é qualquer canto que serve para oração ou celebração. Os cantos da caminhada são próprios para início e fim da oração, ajudando a ligar fé e vida. Os cantos bíblicos, principalmente os salmos, são apropriados para após a leitura da Palavra de Deus. Os cantos tradicionais podem ser oportunos no ofertório e comunhão.

— Realizar gestos litúrgicos, desde que sóbrios e expressivos da realidade.

— Reservar um momento de silêncio para acolher a Palavra.

— Evitar expressões e atitudes que dificultem uma convivência com os evangélicos presentes. A atenção ao aspecto ecumênico deve mostrar-se em nossas orações dirigidas a Deus Pai e por intermédio unicamente de Jesus Cristo.

Essa proposta do Padre Marcelo, que chegou ao conhecimento de poucos, gerou reações principalmente de agentes pastorais. Para alguns, o texto como um todo tinha nítido caráter conservador e formalista, propugnando nas entrelinhas uma volta à liturgia demasiadamente estruturada. E mais: faria parte de uma tendência a "espiritualizar" o VI Encontro, neutralizando sua força política. Havia também críticas a alguns pontos em particular. Por exemplo: Alguns não aceitavam a sugestão de incluir cantos tradicionais, pois estes seriam expressão de uma prática pastoral já superada. Outros consideravam como irreal a sugestão de evitar os "elementos catolicizantes", pois os evangélicos presentes teriam

suficiente maturidade para não se constrangerem diante de uma oração a Maria Santíssima ou aos santos.

Malgrado pequenas divergências em algum ponto secundário, reconhecemos que a proposta do Padre Marcelo é muito interessante, tanto que a utilizaremos como um dos marcos iluminadores da análise das celebrações do VI Encontro. Nosso intento agora é refletir sobre os pontos fortes presentes nas celebrações das CEBs do Brasil e que se tornaram visíveis em Trindade, como também apontar as limitações nas mesmas celebrações visando a um aprimoramento na caminhada.

### ELEMENTOS POSITIVOS PRESENTES NAS CELEBRAÇÕES DO VI ENCONTRO

*Ligação profunda com a vida:* Todas as celebrações apresentaram a situação do povo trabalhador, suas lutas e dificuldades. A prática social dos participantes fluía ao longo das celebrações, sinal de que a vida é parte integrante das celebrações nas CEBs.

*A Palavra de Deus:* Em todos os momentos de oração houve pelo menos uma leitura bíblica que veio de encontro à realidade levantada. Aliás, a relação *Bíblia-vida* foi refletida no Plenário A do 1º dia. Alguns depoimentos de membros da base são muito significativos neste sentido: "A gente sente a Bíblia ao lado da gente como guia" (José dos Santos, Maranhão). "É um farol que vai sempre em nossa frente clareando o caminho" (Ernesto, Ceará). "A gente sente que nossa luta não é coisa nova, mas continua aquela luta do Povo de Deus". — Uma mulher criou uma imagem brilhante, incorporada depois no texto final: "A Bíblia é a água que carrega o barquinho das CEBs". — Na celebração do 4º dia fez-se uma procissão com um evangélico ladeado por uma católica. Um trazia a Bíblia e outro a terra e depois entrelaçaram as mãos sobre elas em sinal do profundo do vínculo entre a Escritura e a luta do povo.

*O silêncio:* Após a leitura da Palavra havia um momento breve de interiorização. Algumas celebrações desenvolveram este aspecto mais que outras.

*Os símbolos e gestos simbólicos:* Foram os elementos dominantes nas celebrações. Os símbolos mais utilizados estavam ligados diretamente à terra e aos seus produtos. Também se apresentaram pessoas vestidas de bóia-fria, vaqueiro, lavadeira, etc. Por vezes os personagens eram símbolos vivos que traziam em si e em sua história o que queriam significar.

A *cruz* também se fez presente em grande parte das celebrações. Havia cruzes construídas de elementos materiais profundamente ligados à vida do povo e ao seu sofrimento, como a cruz, cuja madeira, proveniente da região do Contestado em Santa Catarina, já evocava por si só a

---

luta e o sangue derramado, ou então a cruz feita com dois paus roliços chamuscados que restaram de uma expulsão e queima das casas dos sem-terra. A cruz também evocou esperança quando numa celebração veio adornada de flores brancas.

Houve ainda gestos simbólicos profundos e insertados no âmago da oração. Por exemplo: na celebração penitencial do 2º dia o animador levou sobre si uma canga que expressava nossa submissão a Satanás e às forças históricas que o medeiam. Esta canga foi o motivo simbólico para se fazer o ato penitencial realizado de joelhos e com os pés descalços no terreiro pedregoso. No mesmo ato penitencial toda a assembléia em profunda oração resgatou a antiqüíssima tradição da Igreja de renunciar a Satanás e suas obras (lidas agora em pauta estrutural-social) e aceitar a cruz de Cristo. Depois, a cruz roliça e pesada foi passando por sobre a multidão que com leve toque de mãos fê-la circular, confirmando com este gesto simbólico o que se afirmou pela palavra.

Outro gesto simbólico significativo foi expresso na celebração de ação de graças do 3º dia. Cada regional escolheu uma pessoa da base que apresentou alguma vitória na luta do povo. Estas foram oferecidas a Deus simbolicamente através do incenso que se elevou próximo ao altar do Santuário de Trindade, tematizando a oblação dos cristãos das CEBs, inclusive dos que foram assassinados.

*Os nossos mártires:* Quem esteve no VI Encontro fez uma experiência muito típica da Igreja nos primeiros séculos: a lembrança de companheiros mártires. Cartazes trazidos pelos Regionais, com fotos de cristãos assassinados, depoimentos de amigos e parentes de membros das CEBs mortos nos últimos anos, despertavam a consciência de que o martírio é uma das características das Comunidades de Base do Brasil.

A celebração da manhã do 4º dia teve como tema o martírio. Os sinais, fotos ou relíquias dos mártires (= testemunhas) das CEBs representativos de cada regional foram afixados à cruz. Mas a morte do mártir só tem sentido no âmbito cristão à luz da morte e ressurreição de Cristo: eis um tema caro à Igreja primitiva, agora revivido de forma pungente pelas CEBs.

A realidade gritante destes novos mártires trará certamente elementos enriquecedores à espiritualidade e à pastoral e suscitará também a atenção dos nossos pastores e teólogos. É certo que num assassinato não entram só motivos religiosos. Os mandantes dos crimes proclamam-se católicos. Defrontamo-nos com outro problema teológico e pastoral a resolver, pois os perseguidores não são autoridades pagãs, mas muitas vezes membros formais da mesma Igreja. Os assassinados também são católicos, inseridos na sua comunidade, legitimamente unidos aos seus pastores. Não são oportunistas que utilizaram a Igreja como me-

ro espaço de atuação política. Pelo contrário, sua atuação política é motivada e sustentada pela fé em Jesus Cristo. Paradigma desta realidade são o testamento do Padre Josimo e o depoimento vivo de tantos membros de CEBs presentes em Trindade.

*A consciência latino-americana:* A liturgia tem sempre uma dimensão universal, fazendo a comunidade que celebra unir-se a toda a Igreja, aos outros cristãos e aos homens que de coração sincero buscam a Deus (Oração Eucarística IV). De forma especial a presença de 56 representantes de outros países da América Latina, sua atuação nos plenários e nas celebrações, ajudou a assembléia a criar uma consciência de Igreja e de povo latino-americano. Sabemos que é difícil para um lavrador perceber a dimensão internacional. Por isso também a presença de nossos irmãos não-brasileiros foi profícua. Apesar dos obstáculos de língua, cresceu-se na consciência de que somos a mesma Igreja de Jesus Cristo que nasce no meio do mesmo povo oprimido.

## LIMITAÇÕES DE ALGUMAS CELEBRAÇÕES DO VI ENCONTRO

*Referência explícita ao Deus libertador:* Notou-se que em algumas celebrações (como por exemplo na oração da manhã do 2º dia) se falou muito da realidade. Falou-se também de Deus. Melhor ainda: da realidade "sub ratione Dei". No entanto não se falou *para* Deus. Em outras celebrações houve teatros, falas, testemunhos. Às vezes se caiu numa certa retórica, continuando o tema do dia. O resultado imediato era a nítida sensação de cansaço e até de prostração da assembléia, reanimada somente pelos "cantos da caminhada".

*A Palavra de Deus:* Embora a Escritura esteja presente nas celebrações, corre-se o risco de se repetirem as mesmas leituras: a libertação do Egito, as denúncias proféticas, a posse da terra no livro de Josué, etc. É claro que algumas partes da Bíblia são mais importantes hoje, porque *iluminam de forma especial a situação do povo. Mas é preciso explorar a riqueza da Palavra de Deus em aluviões ainda não tocados.* Carlos Mesters no plenário sobre a Bíblia e as CEBs relatava, por exemplo, que no trabalho com nordestinos migrantes em São Paulo, que vivem em extrema penúria, tem-se partido do livro de Jó.

Outro aspecto relacionado ao uso da Palavra de Deus na celebração: além do silêncio é preciso que a Palavra seja explicitada, partilhada. Isso não foi muito desenvolvido. A parênese a partir da Palavra em confronto com a vida era um elemento vital na Igreja primitiva e o é também nas nossas comunidades.

Em algumas celebrações do VI Encontro a proclamação da Palavra acrescentou muito pouco ao conjunto, tendo talvez somente efeito ilustrativo, pois faltou o comentário sobre a Palavra proclamada.

---

*Ausência de celebração nos plenários:* O período da manhã de cada dia foi contemplado com quatro plenários em que se discutiam diferentes assuntos relacionados ao mesmo tema geral. Infelizmente não se proporcionou um momento de oração nestes plenários, onde a partilha da Palavra teria podido ser praticada, bem como o louvor e a súplica a partir da realidade. Com isso se teria também desenvolvido mais o aspecto interpessoal e comunitário.

*As procissões não saíram a contento:* Houve duas procissões até o Santuário. Em ambas, os participantes não se envolveram como um todo, na forma de uma assembléia orante. Assemelhou-se mais a uma caminhada despreziosa. Por que?

*Os cantos:* O caderno de cantos elaborado pela Coordenação com contribuição dos Regionais visibiliza bem a crescente consciência política e social dos membros das CEBs. Neste sentido, os cantos são coerentes com a caminhada. Além disso o simples fato de haver uma produção recente e abundante de cantos é um fator extremamente positivo, como forma singular de reapropriação e distribuição do capital simbólico-religioso das classes populares.

Analisando os cantos do VI Encontro nota-se que:

— As palavras-eixo são quase sempre as mesmas: comunidade, união, luta, opressão/libertação, terra.

— Os cânticos apresentam uma linguagem predominantemente *indicativa*: falam da situação de opressão, da luta de conquista da terra, da nova Igreja, da terra que é de todos porque é de Deus, da ação libertadora de Deus, da união do povo, etc. Nestes versos de matiz narrativo mesclam-se as denúncias de injustiças, o anúncio da libertação já presente acontecendo nas vitórias parciais, e a utopia (a esperança). Também se manifesta fortemente a linguagem *imperativa*. Muitos cânticos conclamam os participantes a entrarem na luta, participarem, manterem-se firmes, entrarem na terra, etc.

— Em número mais restrito há também cânticos de louvor (por exemplo nº 18 e 44); menor ainda é o número dos cânticos de súplica. A ausência de cantos bíblicos, especialmente salmos, é notória.

Os cantos da caminhada com linguagem imperativa e indicativa são muito importantes para as reuniões das CEBs como para as celebrações. Mas são insuficientes. Faz-se necessário estimular também os cânticos de louvor e súplica, dirigidos à Deus. Não se trata de fazer um louvor ou súplica *fora* da luta ou para esquecê-la, mas justamente para elevá-la até Deus, contemplá-la, encharcá-la da força libertadora do Senhor. Nas celebrações do VI Encontro foram muito pouco utilizados os cânticos de louvor e súplica, sejam das comunidades, sejam de origem bíblica. Os cantos tradicionais do povo também não foram resgatados. Tal-

vez por um receio infundado: poderia significar certo retrocesso na caminhada.

### ALGUNS PONTOS PARA A REFLEXÃO

Todo acontecimento singular traz em si alguns elementos que possibilitam universalização. Principalmente quando é fruto de todo um processo mais amplo. O VI Encontro Intereclesial das CEBs fez-nos "alçar um vôo mais alto", motivo pelo qual enunciaremos alguns pontos para reflexão, que não dizem respeito necessariamente a este encontro, mas fundamentalmente à caminhada das CEBs no Brasil.

a) Afirma-se muito que um grande mérito das CEBs foi o de ajudar a *articular a vida com a fé*. É bom lembrar que a vida do povo não é só a prática da transformação da sociedade. A vida diz referência também à situação pessoal, questões existenciais e morais, problemas e experiências familiares, relacionamento com vizinhos etc. Por isso, não é correto dizer que na religiosidade popular tradicional a fé não era ligada com a vida. Pois o que o povo mais pede nas orações? Saúde, emprego, segurança. Isso é vida! Só que a vida aqui neste caso não tem consistência própria, autonomia específica. É de certo modo abafada pelo religioso e pelo sagrado. Além disso, o enfoque é individualista e com certa dose de fatalismo. Reza-se, por exemplo, pela saúde do *meu pai*, da *minha tia*, etc.

As CEBs fizeram o povo descobrir um outro lado da vida. Em primeiro lugar a vida é dom de Deus e também responsabilidade do homem, que lhe foi confiada pelo mesmo Deus criador e libertador. Assim, não basta rezar por quem está doente, é preciso que lutemos para ter posto de saúde, bom atendimento médico e comida suficiente. A vida ganha então certa autonomia, mas ainda com uma relação profunda com a fé e a ação de Deus.

Não é só plenamente justificável, mas urgente até, que o aspecto social e político da vida seja tematizado de maneira mais destacada, pois "a práxis libertadora é a feição epocal da fé na América Latina, hoje". (F. Taborda). Porém a vida não é só isso. Deve haver espaço nas CEBs também para a tematização de questões pessoais. Quando um membro de comunidade está desempregado e os filhos passam fome, a mulher está doente, ou outro problema o leva às raias do desespero, pouco valem os discursos políticos ou as músicas de libertação. Nestas horas valem, sim, as orações mais simples e a fé profunda do homem fraco, do *anaw* que se joga todo nas mãos de Deus (SI 62, 9), bem como a ajuda fraterna dos irmãos.

Em muitos casos os membros das CEBs que estão mais avançados na militância, não fizeram a "virada da modernidade" com o reconhecimento da "autonomia das realidades terrestres". Este tipo de mentalidade

---

de é mais própria do agente pastoral. Por isso as pessoas de base muitas vezes "confundem as coisas", achando que é preciso ler a Bíblia e rezar o Pai Nosso no Sindicato ou na Associação dos Moradores. Parece que o povo *prolongou* o religioso nas instâncias sociais e políticas. Daí por que também, mesmo numa celebração que não chega explicitamente ao nível do diálogo com o Senhor Libertador, a pessoa de base faz uma releitura religiosa. Ela descobre e identifica traços teológico-espirituais que o agente pastoral não quis ou temeu explicitar. Mas nem sempre isso se dá. Poderemos frustrar os membros das CEBs que necessitam de um espaço em que de fato sentem que rezam. Não basta trazer símbolos ou fazer gestos. Estes devem ser dirigidos a Deus.

b) Parece que em alguns lugares e situações acontecem *celebrações muito "discursivas" e pouco "celebrativas"*(!). A raiz do problema situa-se principalmente no agente pastoral. Este sente necessidade de imprimir um ritmo conscientizador e político às orações, superando assim uma espiritualidade intimista e desligada da vida. Dessa forma a dimensão *política* do discurso sobressai. E isso é bom, pois responde a uma necessidade real e concreta. Porém na celebração o político deve adjectivar o religioso.

O agente pastoral "ilustrado" tem dificuldade em valorizar a dimensão gratuita da oração, especialmente no louvor e na súplica, pois está preocupado com a eficácia. A boa oração seria aquela mobilizadora, carregada de conteúdos políticos. Há nesta posição uma deficiência notável, já detectada por exemplo por Frei Beto no seu artigo: "Oração, uma exigência também política". A dimensão transcendente da prática política não é suficientemente desocultada. É preciso que nas celebrações das CEBs, especialmente para aqueles que já estão avançados na militância, seja dado este salto qualitativo. Devemos passar do discurso sobre a prática para um diálogo com o Deus libertador, diálogo este que comporta escuta da Palavra e resposta da comunidade que crê.

c) Infelizmente a *oração de louvor* desenvolveu-se pouco entre nós. Hoje ela é patrimônio de seitas protestantes e de grupos católicos descomprometidos com a mudança social. Temos certa dificuldade em resgatar a oração de louvor e súplica na perspectiva libertadora da Bíblia. Um dos motivos é que esta oração na Tradição recente da Igreja foi (e continua sendo) manipulada ideologicamente pelas classes dominantes. A súplica individualista visando um certo efeito mágico como também o louvor descomprometido com a real mudança da sociedade confirmam esta realidade. O povo de Deus da Bíblia expressava de forma ímpar através do louvor a ação do Deus libertador na história. Basta ver, por exemplo, Sl 105(104) a 108(107), 136(135) ou ainda o cântico

de vitória logo após a saída do Egito em Ex 15. A oração de súplica em meio à opressão também é um elemento característico da espiritualidade do Povo de Deus. Veja-se por exemplo a oração de um perseguido no Sl 142(141), ou uma série de salmos de lamentação e súplica individuais ou coletivos como o Sl 94(93), 137(136), ou ainda a oração dos Apóstolos em At 4, 23-30.

d) É sobretudo através da oração de louvor e súplica que o cristão tematiza de forma especial a ação gratuita de Deus, a *graça*. No período imediatamente anterior ao Vaticano II predominou uma visão extrínseca da graça. A ação de Deus era compreendida muitas vezes no âmbito do *sobrenatural*. A graça seria algo acrescentado ao humano. Esta visão ainda presente em muitos setores conservadores, no fundo sustenta uma distância abissal entre a ação de Deus e a ação do homem. Daí equivocadamente e com alguma dose ideológica acusar-se a Teologia da Libertação de certo *pelagianismo*, ou seja: a salvação (e no caso, a libertação) seria somente vista como ação do homem e não ação de Deus.

A Teologia da Libertação incorporou as conquistas do Vaticano II, que reafirmou o vínculo profundo entre criação e salvação. O mesmo Deus que nos cria como filhos e irmãos nos quer salvar e libertar como filhos e irmãos. A graça não destrói o natural, antes: a natureza é potência obediencial da graça. O homem enquanto natureza já está afetado pela graça. Fomos criados em/por/para Cristo (Cl 1, 15-17). Daí: há uma *antecedência* da ação de Deus, que *possibilita* e *move* a nossa ação.

Quem trabalha pela libertação do povo não está competindo com Deus. A terra deve ser de todos e para uso de todos, porque ela é de Deus que gratuitamente a criou e entregou aos homens. Buscamos a terra prometida da nova sociedade, porque ela foi prometida por Deus. A iniciativa é dele. Lutamos pelo Reino de Deus, porque este foi iniciado por Jesus.

Deus também "move" (motiva) a nossa ação libertadora, pela força do Espírito de Jesus. Assim, a ação libertadora dos cristãos não corre paralela à ação de Deus, mas na mesma ação do homem se dá a ação do Deus que liberta e salva. "Nele vivemos, nos movemos e existimos" (At 17, 28).

A graça, auto-oferta de Deus em Jesus Cristo que possibilita e motiva a nossa ação libertadora em vista da realização do projeto de Deus neste mundo, e a nossa conseqüente resposta são explicitados de forma singular a nível simbólico e afetivo na celebração.

e) Toda celebração é como uma  *festa*. O povo que luta precisa festejar. A festa descansa, dá novas energias, alegre, faz renascer a esperança, antecipa de certa forma a vitória. Ai daquele que não festejar no correr da luta, pobre vítima da "seriedade bestial". A festa é uma relei-

---

tura da luta em pauta lúdica. As celebrações dos cristãos engajados na busca da terra prometida são principalmente festa. Mas o que as caracteriza sobretudo é que são feitas em nome do Senhor Ressuscitado e voltadas para o Deus Libertador.

Não é suficiente que haja bons motivos para celebrar. Estes, graças a Deus, as comunidades têm de sobra e o demonstraram no VI Encontro: lutas, conquistas da terra, dificuldades, mártírios... Expressam-no de forma significativa, usando gestos simbólicos. E ao celebrar manifestam e robustecem o senso comunitário eclesial. O desafio para as CEBs fica sendo este: a celebração ser *expressão total* de uma comunidade de fé, que na luta concreta pela nova sociedade volta-se para Aquele que possibilita e motiva a busca da terra prometida.

f) Sintetizando, poderíamos dizer que:

— A articulação de "fé-vida" é característica marcante das CEBs. A vida aqui é entendida preferentemente no seu aspecto social e político, pois este é o grande desafio da realidade em que vivemos. No entanto, não se podem ignorar os aspectos subjetivos e interpessoais, principalmente nas instâncias menores (CEBs locais).

— Esta ligação da fé com a vida realiza-se em meio à luta concreta do povo, encontrando na celebração seu momento de explicitação e aprofundamento. A celebração é a condensação da prática transformadora feita numa pauta lúdica e sob o selo da presença do Deus Libertador. Trazer a vida para a celebração não é reduzi-la a um discurso eficaz sobre a libertação, mas antes: traduzir esta mesma realidade numa linguagem simbólica e afetiva.

— A celebração cristã comporta sempre um diálogo. Escuta-se o apelo de Deus vindo da Escritura e da realidade percebida "sub ratione Dei", e responde-se através de formas típicas: gestos e palavras que expressam louvor, súplica, penitência, oferta, adesão. Na presente nota insistimos mais no aspecto do louvor e súplica.

— Através da celebração, tematiza-se de forma sui generis a graça de Deus que possibilita e move (motiva) a ação libertadora da comunidade que crê, bem como a resposta desta comunidade que assim se empenha para realizar no mundo o projeto de Deus. Assim sendo a celebração torna-se um momento culminante de revitalização e expressão da espiritualidade libertadora.

---

**Afonso Murad F.M.S.** participou do VI Encontro Intereclesial de CEBs, em Trindade, GO, na qualidade de representante escolhido entre os agentes pastorais do Regional Leste II. Está concluindo o curso de Bacharelato em Teologia na Faculdade do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte, MG.

**Endereço:** Rua Dois, 39 — Céu Azul — 31540 Belo Horizonte — MG